

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Vêm aí as eleições. O DDHH em Sala de aula assume o tema com ânimo, disposição e muita vontade de contribuir para a preparação de tod@s nós para a “hora da decisão”. Afinal, o voto é um direito conquistado e um dever individual intransferível. Votar é exercer a cidadania. Preparar e preparar-se para as eleições é exercício pedagógico da professora-cidadã, do professor-cidadão.

Assim, o texto “Para refletir” e um grupo de atividades são a elas referentes. Procuramos indicar formas de trabalhar a questão na sala de aula e para além dela. Outras atividades, que compõem as páginas centrais, visam propiciar, a um só tempo, revisão e continuidade do passeio responsável sobre tema (na inspirada expressão de Paulo Freire) que, no nosso caso é também lema: a educação de qualidade como direito de tod@s.

Com o olhar agudo nos/nas candidatos/as e comprometimento com o nosso espaço especial de participação e luta - a educação/a escola - renovemos com Vandré a certeza de que

“quem sabe faz a hora,
não espera acontecer”

A equipe

Participe

Está deflagrada a campanha para as eleições de 2006. É tempo de preparação para o voto consciente. Tempo de analisar, refletir, comparar, escolher. Tempo de participar com determinação e empenho.

Datas Significativas AGOSTO

- 05 Dia Nacional da Saúde
- 09 Dia Internacional dos Povos Indígenas - ONU
- 12 Dia Internacional da Juventude - ONU
- 23 Dia contra a Injustiça
- 24 Dia da Infância
- 26 Dia Internacional da Igualdade Feminina
- 31 Dia Internacional da Solidariedade

Agosto tem calendário marcado por datas expressivas para as lutas pelos Direitos Humanos. Chamamos especial atenção para os dias 12 e 24, reafirmando que lugar de crianças e adolescentes é na escola, e para o dia 26 colocando em relevo a convicção de que educação de qualidade é direito de todos e todas.

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar... Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.”
(Paulo Freire, grifos do autor)

“Por um voto consciente”

O processo eleitoral este ano poderá proporcionar um momento rico para pensarmos em possibilidades de mudanças, mudanças que queremos para nosso país, nosso estado, nosso município. Mas, se não colocamos como horizonte das mudanças o valor e a centralidade de uma proposta baseada na democracia é mais difícil concretizar estas mudanças.

(...) democracia é “governo do povo, para o povo e com o povo”, uma forma de organização política e ou de governo baseada na soberania do/a cidadão/ã. Isto quer dizer que nós, cidadãos e cidadãs comprometidos com um processo de mudança precisamos nos manter em permanente vigília ética frente à defesa do bem público, dos mecanismos utilizados pelos gestores do bem público e a cobrança de responsabilidade de nossos representantes políticos.

O espaço público significa aquilo que pode e deve ser de todos e para todos, mas constitui também um modo de se pensar a reorganização da sociedade. Enfim, podemos concluir que, nosso compromisso com a cidadania requer responsabilidade, requer ação consciente e conseqüente. Nossa experiência como cidadãos e cidadãs passa pela tomada de consciência sobre o tipo de sociedade que queremos construir.

Portanto, “se queremos seguir o caminho da democracia, então este caminho precisa ser feito, pensado e reinventado em todos os níveis e a cada momento. (...) O Brasil tem dado alguns passos na democracia política - as eleições são sinais dessa realidade-, mas ainda há muito a ser feito”.

Se acreditarmos que é importante praticar o Voto Cidadão, torna-se necessária uma reflexão: O que queremos com nosso voto? O que não queremos? Quem são os candidatos que estão concorrendo? São conhecidos nossos? Que projetos esses candidatos defendem?

“Um bate-papo sobre participação e política - eleições 2006”

Flávia Mattar e Jamile Chequer, autoras da matéria-título, consideram que o direito que a juventude conquistou de votar aos 16 anos “é um reconhecimento da sociedade e do Estado de que jovens têm o que dizer e de que sua participação é importante”. E foi para ouvi-las/os que o Jornal da Cidadania promoveu o bate-papo com cinco estudantes de ensino médio, dois rapazes e três moças, com idades entre 16 e 20 anos, tendo Paulo Carrano (coordenador do Observatório Jovem da UFF) como moderador.

Segundo as autoras, “ao longo de duas horas, foi possível perceber que encaram o voto com responsabilidade, quebrando as freqüentes observações da sociedade de que jovens não votam porque são irresponsáveis e não estão conscientes. Também se mostraram informados(as) sobre a realidade do país, questionadores(as) e observadores(as) críticos(as) de políticos e da política”.

Aqui são transcritas várias falas de Diego Santos Francisco, 18 anos, estudante do Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

⊕ O voto certo é aquele que tem a ver com o que eu penso e com as idéias que acredito. Essa mentalidade do certo e errado divide e confunde a gente. Se o candidato em quem eu acredito não vai ser o certo porque a maioria não vai votar nele, onde está a minha credibilidade? ...

⊕ O que me motiva a votar em um candidato é o investimento em educação. Precisamos de um governante com coragem para investir na educação pública, no fortalecimento das escolas, dos professores, no material das escolas. Não em programas. A gente vê países muito menores que investem em educação e vão pra frente. Por que será que essa não é a mentalidade dos nossos governantes? É muito mais fácil ter pessoas que

não sabem ler, escrever, que não têm educação formal, não entendem de política. São pessoas que vão se tornar menos críticas.

⊕ (sobre se os/as jovens de hoje participam da política) Vai depender do meio em que o jovem está. Alguns são estimulados dentro da escola. Alguns participam, estão preocupados com a política. Mas uma maioria está em casa e não quer fazer nada, não quer nem saber o que está acontecendo no país. Não que seja desinteressada. O jovem é interessado e até é um grupo bom para se trabalhar, porque está buscando autonomia. Por exemplo, tem muito jovem que está dizendo: “Caramba, já tenho 16 anos, posso votar, beleza!”. É na juventude que pode se fazer isso, instigar movimento, porque são pessoas que querem se afirmar.

⊕ (sobre quem tem que estimular a participação do/a jovem) Eu penso que, dentro da sua família, nem sempre você vai ter um pai ou uma mãe com uma visão política aberta ou que vai estimular o estudo. Eu conheço crianças de 8, 10 anos que já têm autonomia dentro de casa. Então, vai depender do que cada um vivencia. Se têm dentro da escola um modelo legal para seguir, um plano de educação, vão ser estimulados a ter um jeito novo de viver, buscar alternativas...

⊕ (sobre se eles/elas se sentem estimulados/as a participar na escola) Os jovens estão sempre buscando referencial. A escola que estudei, Júlia Kubistchek, era excelente. Por ser uma escola de formação de professores, tinha várias atividades. Foi lá que obtive uma visão mais completa de grêmios como um espaço político, que faz, que luta. Os alunos eram estimulados e a direção participava muito. Fazíamos debates, os professores colaboravam. Sempre mantivemos um diálogo bom com a direção, conseguíamos apresentar as nossas reivindicações, nossas demandas, numa boa. Aprendi a diferença entre o que dá para realizar ou não. Às vezes, a gente pensa grande demais e, depois, percebe que tudo tem limitações. Temos dificuldades em aceitar isso. Acho que é a escola que fortalece. Mesmo os mais desinteressados estão vivenciando um espaço de cultura dentro da escola. Se você não está interessado, está absorvendo aquilo, uma hora isso vai servir. Se você não tem dentro do seu lar, vai buscar na escola. Se não tem na escola, vai buscar com seus amigos. E quem são seus amigos para você buscar como referencial? Está tudo ligado: a política, a educação, o que o jovem vai fazer, vai ser...

⊕ (sobre o voto nulo) Outro dia, li na traseira de um carro: “Vamos votar nulo para mudar essa porcaria que está aí”. Eu pensei, “caramba, votar nulo?”. Temos que analisar os candidatos, ver certinho a história de cada um, averiguar o que fizeram. O que a gente vê foi o que aconteceu dentro de um partido. Todos pensam, “que escândalo, como foi que isso aconteceu?”. Mas quase ninguém pensa que se você for analisar o outro partido, vai encontrar os mesmos problemas. É meio hipocrisia do povo dizer: “Caramba, ele está no poder e está fazendo isso!”. Eu vou votar nulo por causa disso? Não, vou estudar todos os candidatos e votar naquele que parece ter planos possíveis de serem realizados, ações que possam ser concretizadas. Tenho que votar. Votar nulo é perder tempo e mostrar que realmente não estamos preocupados com nada em nosso país.

⊕ (sobre o bom candidato) Um bom candidato é aquele que vai oferecer mais benefícios para todas as esferas, desde o meu bairro à nação inteira. O bom candidato é aquele que pensa na realidade e não naquilo que é só sonho ou naquilo que é grande demais. É muito legal falar, mas o mais legal é aquele candidato que consegue colocar as idéias no limite da realidade, daquilo que pode ser feito.

¹ Cidadania em Rede, nº15, julho/agosto de 2006, produzido pela equipe do subprograma Promotores Populares da Novamerica

² Jornal da Cidadania, nº 135, junho de 2006, IBASE. Pode ser acessado, na íntegra, no site www.ibase.org.br

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

Editora
Susana Sacavino

Equipe Responsável
Vera Maria Candau
Laura Cristina Campello do A. Mello
Iliana Aida Paulo
Marilena Varejão Guersola

Supervisão Editorial
Adelia Maria Koff

Fotos lema do ano:
João Ripper

Composição Gráfica
Companhia Visual Manteca

Apoio
fundación santa maría

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE NÃO É PRIVILÉGIO! É DIREITO DE TOD@S.

NOVAMERICA